

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**BRUNA MATOS MACCARI**

**MOTIVOS PARA PRÁTICA COMPETITIVA  
DE ESPORTES COLETIVOS FEMININOS  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**FLORIANÓPOLIS, SC**

**2011**

**BRUNA MATOS MACCARI**

**MOTIVOS PARA PRÁTICA COMPETITIVA  
DE ESPORTES COLETIVOS FEMININOS  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Orientador:** Prof. Ms. Paulo Marcelo S. de Macedo

**Co-orientador:** Prof. Ms. Mario Luiz Couto Barroso

**FLORIANÓPOLIS, SC**

**2011**

**BRUNA MATOS MACCARI**

**MOTIVOS PARA PRÁTICA COMPETITIVA  
DE ESPORTES COLETIVOS FEMININOS  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Banca examinadora:**

Prof. Ms. Paulo Marcelo Soares de Macedo

---

Orientador - CDS / UFSC

Prof. Ms. Mario Luiz Couto Barroso

---

Co-orientador - CDS / UFSC

Prof. Ricardo Lucas Pacheco

---

Membro - CDS / UFSC

Prof. Dra. Nivia Márcia Velho

---

Membro – CDS / UFSC

Prof. Dr. Emílio Takase

---

Membro – CFH / UFSC

**FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2011.**

## RESUMO

O presente estudo visou verificar os motivos que levam as acadêmicas que representam a UFSC em competições universitárias a treinar regularmente modalidades esportivas coletivas. Utilizou-se como instrumento a Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE), validada no Brasil por Barroso (2007). Participaram desta pesquisa 47 universitárias frequentando regularmente os treinamentos das modalidades de basquetebol, futsal, voleibol e handebol no primeiro semestre de 2011, com faixa etária de  $22,19 \pm 3,43$  anos e tempo de prática de  $9 \pm 3,86$  anos. Encontrou-se “Saúde” como principal fator motivacional do grupo com média  $8,41 \pm 1,59$ , seguido por “Condicionamento Físico” ( $8,28 \pm 1,52$ ) e “Liberação de Energia” ( $8,02 \pm 1,46$ ). Relacionado à motivação específica das modalidades, identificou-se para o Futsal e Voleibol o fator “Saúde”, para o Basquetebol, “Afiliação”, “Condicionamento Físico” e “Saúde” e para o Handebol, “Condicionamento Físico”, todos eles considerados muito importantes na classificação da EMPE. “Status” e “Contexto” apresentaram os menores índices em todas as modalidades. Não foram encontradas diferenças significativas entre os fatores motivacionais conforme modalidade, faixa etária e tempo de prática. Comparando aos resultados obtidos em 2007, aponta-se para a possível mudança da linha de concepção de treinamento das atletas em questão onde o grupo apresenta-se mais homogêneo. Entretanto, esta homogeneidade está constituída principalmente por aspectos motivacionais de caráter individualista. Os resultados podem indicar também a caracterização do esporte de participação no grupo, além da possível afirmação de pesquisas no que diz respeito à motivação pela competição nos homens e, nas mulheres, pela realização da tarefa devido, entre outros fatores, à manutenção dos valores inferiores dados a “Status” e “Contexto”, diminuição da motivação pelo “Aperfeiçoamento Técnico” e estabilidade do grau de importância da “Atividade em Grupo ou Afiliação”. Espera-se que esta pesquisa sirva de instrumento aos treinadores e à DAEU/UFSC para desenvolvimento de projetos de acordo com o perfil dos atletas e das modalidades. Recomenda-se, para futuros estudos, a ampliação do público pesquisado a fim de possibilitar novos estudos estatísticos, bem como a aplicação da EMPE junto a atletas de universidades particulares e de outras instituições públicas de ensino superior, não somente de Santa Catarina como de outros estados.

**Palavras-chave:** esporte universitário, treinamento, motivação.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b>	<b>6</b>
<b>LISTA DE ANEXOS</b>	<b>7</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
1.1 O PROBLEMA	8
1.2 OBJETIVOS	11
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b>	<b>11</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b>	<b>11</b>
1.3 JUSTIFICATIVA	12
1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	13
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>14</b>
2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE	14
2.2 O TREINAMENTO ESPORTIVO	17
2.3 O ESPORTE UNIVERSITÁRIO	20
2.4 MOTIVAÇÃO E MOTIVOS NO ESPORTE	21
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS</b>	<b>25</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	25
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	25
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	26
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	27
3.5 ANÁLISE DE DADOS	28
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>29</b>
4.1 FATOR MOTIVACIONAL GERAL	30
4.2 FATOR MOTIVACIONAL POR MODALIDADE	32
4.3 FATOR MOTIVACIONAL CONFORME IDADE	35
4.4 FATOR MOTIVACIONAL CONFORME O TEMPO DE PRÁTICA	37
4.5 FATORES MOTIVACIONAIS DE 2007 PARA 2011	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>52</b>

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabelas</b>	<b>Pág.</b>
<b>Tabela 1</b> – Resultados do Teste de Kolmogorov-Smirnov para verificação de normalidade	<b>29</b>
<b>Tabela 2</b> – Médias e desvios-padrão dos fatores motivacionais do grupo	<b>30</b>
<b>Tabela 3</b> – Médias e desvios-padrão dos fatores motivacionais conforme modalidade	<b>32</b>
<b>Tabela 4</b> – Comparação dos motivos de prática entre modalidade	<b>34</b>
<b>Tabela 5</b> – Comparação dos fatores motivacionais conforme a idade	<b>36</b>
<b>Tabela 6</b> – Comparação dos fatores motivacionais conforme o tempo de prática	<b>37</b>
<b>Tabela 7</b> – Comparação entre os resultados obtidos nos anos de 2007 e 2011	<b>39</b>

**LISTA DE ANEXOS**

<b>ANEXOS</b>	<b>Pág.</b>
<b>ANEXO A – Escala de Motivos para Prática Esportiva</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO C – Protocolo de Utilização da EMPE</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 O PROBLEMA

O reconhecimento mundial do esporte como um fenômeno que atinge grande parte da população se deve ao fato de que possibilita sua prática através de inúmeras manifestações, seja como forma de lazer, inserido no âmbito educacional ou até mesmo exercido como atividade profissional (BRASIL, 1998; WEINBERG; GOULD, 2008). O esporte moderno, com sua atual organização estrutural, categorias e uniformização de regras está intimamente ligado à universidade. Acredita-se que ele surgiu neste contexto a partir do momento em que as práticas populares foram sistematizadas a fim de controlar melhor o tempo livre dos adolescentes das classes dominantes e ascendentes das universidades e escolas públicas inglesas no século XIX (ELIAS, 1992; BARROSO et. al., 2007; FOUCAULT, 2007).

Partindo deste embasamento e analisando a organização do esporte de uma forma geral, percebe-se que o desenvolvimento de atletas ocorre principalmente em escolas, universidades, clubes ou empresas. Em alguns países, como os Estados Unidos, o atleta tem o contato inicial com o esporte nas escolas e universidades, para só depois ter a oportunidade de contratação por equipes profissionais. Já em alguns lugares da Europa, como a Itália e Espanha, o esporte é trabalhado



basicamente por clubes. Existem outros ainda onde empresas participam com grande relevância, possuindo times juvenis e patrocinando escolas, como Japão e Coreia (SANTOS et. al., 2004).

No Brasil, o artigo 3º da Lei 9.615, consolidada em 24 de março de 1998, reconhece o desporto em três manifestações: desporto educacional – praticado nos sistemas de ensino buscando o desenvolvimento integral do indivíduo, formação do cidadão e a prática do lazer; desporto de participação – acontece de forma voluntária basicamente a fim de contribuir na promoção de saúde e integração dos praticantes; por fim, o desporto de rendimento – praticado segundo normas gerais da Lei 9.615 e regras de prática esportiva, visando, grosso modo, obter resultados e integrar pessoas de nações diferentes (BRASIL, 1998).

O treinamento desportivo formal, observado principalmente no âmbito do rendimento, pode ser definido como um conjunto de procedimentos e meios utilizados para se conduzir um atleta à sua plenitude física, técnica, tática e psicológica dentro de um planejamento racional, visando atingir o ápice do desempenho num período determinado (DANTAS, 2003). Partindo deste conceito, pode-se perceber que, ao encarar o homem como um ser total, somente por submetê-lo à melhor preparação física e técnico-tática não se está conduzindo ao máximo de suas habilidades. Deve-se atentar para o fato de que cada indivíduo é diverso dos demais, com seus próprios motivos e emoções (DANTAS, 2003).

Sendo assim, o treinamento psicológico para o esporte deve ser considerado como um fator de grande importância na busca desta performance máxima, uma vez que visa a melhoria planejada e sistemática das capacidades e habilidades psíquicas individuais do rendimento, estabilização e otimização do comportamento na competição, aceleração e otimização de processos de recuperação e

regeneração psicológica e de comunicação social (SAMULSKI, 2009).

Diante da evolução do ser humano na constante superação de seus limites e na conquista das mulheres de um espaço cada vez maior na sociedade em geral, bem como no esporte, muitos autores têm discutido acerca das questões de sexo neste âmbito (FESTLE, 1996; GOELLNER, 2006; DEZAN, 2009; BOAVENTURA; VAZ, 2010). Um dos maiores problemas enfrentados pelo sexo feminino, deve-se à constante comparação de rendimento entre homens e mulheres, principalmente nos aspectos fisiológicos e estruturais, onde a igualdade no desempenho entre eles não poderá ser atingido com um mesmo nível de treinamento. (FESTLE, 1996).

Em contrapartida, aponta-se como um grande fator difusor e propulsor da prática esportiva entre as mulheres, a cultura. Esta adesão ocorre a partir da elaboração de novos padrões e conceitos que chegaram até a ênfase no *fitness*, a busca pelo corpo feminino ideal, magro, firme e torneado, pois requer diretamente a prática do esporte ou de exercícios esportivos (LUPTON, 1995). Portanto, torna-se interessante procurar entender exatamente o que motiva as mulheres quando se tornam atletas, identificadas com o esporte não só pelo prazer de praticá-lo, mas como forma de ganhar a vida ou de participar de uma cultura, anteriormente masculina.

A aprendizagem de uma atividade sofre influência da motivação de cada praticante, pois é algo que leva os indivíduos a agirem por vontade própria, por interesse e não por coerção. Ela não é apenas responsável pelo início de uma atividade, mas igualmente pela permanência nela (SKINNER 1968; FONTOURA, 1986). Pesquisar motivação no contexto esportivo tem sido foco de interesse de muitos pesquisadores (NICHOLLS,1984; WONG; BRIDGES,1995; SAMULSKI, 2009). E um dos assuntos que tem impulsionado essa busca são os motivos que

levam as pessoas a agirem. É necessário que se tenha em mente que o indivíduo anseia atingir certos objetivos que são definidos em função de suas necessidades ou ainda da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos) onde, em última análise, se origina a motivação (FARIA, 2004; SAMULSKI, 2009).

Com base nessas considerações e observando a crescente participação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em competições universitárias como os Jogos Universitários Catarinenses (JUCs), Copa Unisinos e mesmo Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), chegou-se à seguinte questão de estudo: quais são os motivos que levam as acadêmicas que representam a UFSC em competições universitárias a treinar regularmente modalidades esportivas coletivas?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Verificar os motivos que levam as acadêmicas que representam a UFSC em competições universitárias a treinar regularmente modalidades esportivas coletivas.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Verificar os motivos mais importantes para a prática do treinamento em cada modalidade

- Comparar os motivos de prática conforme a modalidade.
- Comparar os motivos de prática conforme a faixa etária.
- Comparar os motivos de prática conforme o tempo de prática.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

O fato de ser filha de ex-atletas e professores de Educação Física, ter praticado o treinamento do basquetebol, handebol e voleibol desde muito cedo, pertencer ao quadro de arbitragem da Federação Catarinense de Basketball (FCB) e também à equipe de estatística da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) teve grande influência na iniciativa pela realização deste estudo, pois proporcionou uma vivência significativa no meio esportivo em diferentes “ângulos”, seja ela pelo exemplo e incentivo familiar, pela atuação como atleta, participando efetivamente de treinamentos e campeonatos, por exercer a função de arbitragem tendo outra visão da competição ou ainda através da análise estatística do desempenho de atletas profissionais.

A partir dos dados obtidos nesta pesquisa, pode-se contribuir significativamente para trabalhos que venham a ser desenvolvidos em diversas áreas, como por exemplo, a psicologia do esporte, abordando aspectos relacionados à motivação, perfil de atletas, controle de ansiedade, esporte universitário e esporte feminino.

Ainda nestes moldes, esta pesquisa pode servir de instrumento de análise à Divisão de Apoio ao Esporte Universitário (DAEU) da UFSC para o desenvolvimento

de projetos de acordo com o perfil dos atletas e/ou modalidades, possibilitar aos treinadores a identificação dos fatores que motivam seus atletas a praticar o treinamento daquela modalidade, caracterizando, de certa forma, o perfil do grupo que se está trabalhando, facilitando o planejamento das atividades.

#### 1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Esta pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2011 com acadêmicas da Universidade Federal de Santa Catarina que fazem parte das equipes de treinamento de basquetebol, futsal, voleibol e handebol da instituição. Participaram 47 universitárias, com faixa etária de  $22,19 \pm 3,43$  anos e tempo de prática da modalidade de  $9 \pm 3,86$  anos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, são apresentados os tópicos acerca dos objetivos do estudo, abordando a importância do esporte, características do desporto universitário, questões acerca do sexo e da participação das mulheres neste cenário, bem como definições e conceitos sobre a motivação e motivos neste âmbito.

### 2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE

A constante evolução da sociedade nos faz viver atualmente a era da tecnologia e da mecanização onde o esporte e/ou a prática de atividade física, que como instituição social compreende muitos valores e aspectos da vida humana, vem ganhando espaço fundamental na prevenção, conservação e melhoria dos padrões fisiológicos do ser humano, tornando-se mais abrangente para dar conta da dinâmica social e de integrar-se a realidade atual (BARROS, 1998). Diante deste contexto, tendências no campo da Educação Física têm estabelecido forte relação entre a prática da atividade física e a conduta saudável (PELLEGRINOTTI, 1998; ASSUMPÇÃO; MORAIS; FONTOURA, 2002).

Nesta linha, alguns autores afirmam que os principais benefícios à saúde, advindos da prática de atividade física, referem-se aos aspectos antropométricos, neuromusculares, metabólicos e psicológicos. Dentre os efeitos metabólicos,

apontam-se, por exemplo, o aumento do volume sistólico, da potência aeróbica e da ventilação pulmonar; a melhora do perfil lipídico e da sensibilidade à insulina; a diminuição da pressão arterial, da frequência cardíaca em repouso e no trabalho submáximo. Com relação aos efeitos antropométricos e neuromusculares ocorre, segundo os autores, a diminuição da gordura corporal, o incremento da força e da massa muscular, da densidade óssea e da flexibilidade (MATSUDO; MATSUDO, 2000). Na dimensão psicológica, afirma-se que a atividade física atua na melhoria da auto-estima, do autoconceito, da imagem corporal, das funções cognitivas e de socialização, na diminuição do estresse e da ansiedade e na diminuição do consumo de medicamentos (MATSUDO; MATSUDO, 2000). Guedes e Guedes (1995), por sua vez, apontam que a prática de exercícios físicos habituais, além de promover a saúde, influencia na reabilitação de determinadas patologias associadas ao aumento dos índices de morbidade e da mortalidade. Defendem a inter-relação entre a atividade física, aptidão física e saúde, as quais se influenciam reciprocamente. Segundo eles, a prática da atividade física influencia e é influenciada pelos índices de aptidão física, as quais determinam e são determinados pelo estado de saúde.

Para tanto, faz-se necessária as definições adotadas neste modelo para as variáveis que o compõe, saúde e aptidão física, a afim de uma melhor compreensão. De acordo com Bouchard et al. (1990), saúde pode ser definida como uma condição humana com dimensões física, social e psicológica, caracterizadas positiva e negativamente. A saúde positiva está associada à capacidade de apreciar a vida e resistir aos desafios do cotidiano enquanto a negativa está relacionada à morbidade e, no extremo, à mortalidade. Enquanto aptidão física define-se como um estado dinâmico de energia e vitalidade que permita a cada um, funcionando no pico de sua capacidade intelectual, realizar as tarefas do cotidiano, ocupar ativamente as horas

de lazer, enfrentar emergências imprevistas sem fadiga excessiva, sentir uma alegria de viver e evitar o aparecimento das disfunções hipocinéticas (BOUCHARD et al., 1990).

O discurso “biologizante” analisado anteriormente afirma que a atividade física melhora as condições de saúde dos indivíduos uma vez que diminui as doenças, aumenta a expectativa de vida, melhora o bem-estar, eleva a auto-estima, entre outros. Embora tais pressupostos tenham respaldo científico, não estamos convencidos de que a visão estritamente biológica seja suficiente para esgotar o assunto. “Saúde” não pode ser reduzida a uma relação biológica de causa e efeito. O homem é um ser histórico e, como tal, as questões que lhe dizem respeito devem considerar tal situação. Nesta perspectiva ampliada, a questão da saúde ganha novos contornos. Diferentes perspectivas, que não se restringem à visão biologicista, buscam apreender a complexidade e as inúmeras relações envolvidas na discussão sobre a saúde (ASSUMPÇÃO; MORAIS; FONTOURA, 2002; BARBANTI, 2008). Neste sentido, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta outro conceito definindo saúde como uma situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Entretanto, esta posição é bastante questionada por muitos pesquisadores, entre eles Segre e Ferraz (1997), apontando-a como uma interação absolutamente cristalina por, principalmente, visar uma perfeição inatingível entre os três aspectos.

Tendo em vista a quantidade e diversidade do público que o esporte influencia principalmente nestas questões, ele vem sendo cada vez mais abordado pela mídia. Notícias vinculadas ao esporte constituem uma fonte inesgotável de matéria prima para a imprensa em geral, assumindo destaque nos mais diversos meios de comunicação e no cotidiano da população de diversos contextos sociais



(BIANCHI; HATJE, 2006).

Contudo, pode-se constatar que a evidência científica confirma o princípio de que a atividade física constitui uma parte integral da vida humana e o homem necessita do mínimo desta atividade para manter-se orgânica e emocionalmente sadio (ANDERSEN, 1983; PELLEGRINOTTI, 1998).

Na educação o esporte também tem grande importância, sendo componente curricular obrigatório da educação básica (LEI nº 9.394/96). Através dos esportes e das atividades recreativas, é possível trabalhar de uma forma direta ou indireta os valores físicos, sociais e psicológicos com públicos de diferentes culturas e necessidades (BRASIL, 1996).

Barros (1998) já afirmava que os anos escolares são um período importante para introduzir as crianças na alegria e satisfação que são vivenciadas na participação esportiva. Na idade escolar estamos mais abertos para a aprendizagem de novos conceitos, é também a faixa etária onde o sujeito inicia a formação dos seus esquemas motores, preferências e aptidões. (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Por estes fatores, a vivência de novas experiências esportivas deve ser incentivada principalmente na infância e adolescência, sendo ela inserida no contexto de participação, competição ou educação (BARBANTI, 2008).

## 2.2 O TREINAMENTO ESPORTIVO

Ao abordar a prática de atividade física de caráter competitivo, torna-se indispensável o conhecimento dos métodos de treinamento visando a performance.

Pode-se definir treinamento como conjunto de procedimentos e meios utilizados de forma coerente para se conduzir um atleta (aluno) à sua plenitude física, técnica, tática e psicológica de maneira sistemática e controlada, objetivando um rendimento máximo em um período determinado. (IGUMA, 1991; MAGLISCHO, 1999; DANTAS, 2003).

Segundo Robergs e Roberts (2002), o treinamento físico envolve uma sequência organizada de exercícios que estimulam aumentos ou adaptações em fatores como resistência cardiorrespiratória, resistência, força e potência muscular, flexibilidade, composição corporal e qualidades emocionais e psicológicas. Diante deste contexto, torna-se necessária uma adequação dos treinamentos de acordo com os seus objetivos, através da utilização de princípios científicos – princípio da individualidade biológica, da adaptação, da continuidade, da sobrecarga, da interdependência volume-intensidade e especificidade (BOMPA, 2002; DANTAS, 2003).

O treinamento técnico é definido como o conjunto de atividades e ensinamentos que o atleta assimila, tendo como objetivo à execução do movimento desportivo com máxima eficiência e mínimo esforço (DANTAS, 2003). Atribui-se a este treinamento, o foco na melhoria e desenvolvimento das capacidades motoras. Onde, capacidades pertencentes ao sujeito, como equilíbrio, força, flexibilidade, ritmo, orientação espacial e concentração, são integradas de um modo organizado, formando uma habilidade motora mais próxima ao modelo ideal necessário para a execução da técnica esportiva (GRECO; BENDA, 1998).

A preparação tática é definida por Ribeiro (2004) como o comportamento adotado por uma equipe em um determinado momento do jogo. Sendo que esta

pode ser dividida em tática individual e coletiva, que necessita de um ótimo desempenho técnico dos jogadores em relação aos fundamentos do jogo.

A preparação tática engloba o conjunto de procedimentos que o atleta ou equipe utiliza para buscar os princípios técnicos mais adequados e de maior eficiência a cada situação em que se é exposto durante uma competição. As capacidades táticas estão diretamente relacionadas com as ações de jogo, onde fica visualmente nítida a importância do comportamento tático do atleta para o rendimento esportivo. No esporte, todas as ações dos atletas são condicionadas pelo parâmetro situacional, relacionadas às situações do jogo em que ele é submetido, exigindo uma melhor resposta estratégico-tática (RIBEIRO, 2004; GARGANTA, 2007; GRECO; BENDA, 1998; FILGUEIRA, 2008).

O treinamento psicológico é a área da preparação esportiva em que, utilizando das suas características individuais hereditárias e das influências submetidas pelo meio, o atleta consegue suportar a carga de treinamento e atingir seus níveis máximos de rendimento através do controle de aspectos como motivação, emoção, relações sociais, pressão e concentração. No meio esportivo, utiliza-se principalmente de técnicas intervencionistas, para redução do estresse, meditação, treino mental e motivacional. Cabendo ao psicólogo esportivo investigar sistematicamente e individualmente, os possíveis fatores psicológicos que podem estar interferindo no rendimento do atleta (MORAES, 1990; MOYA, 1995; DANTAS, 2003).

### 2.3 O ESPORTE UNIVERSITÁRIO

Considerando os fatores de abandono citados nos esportes escolares, muitos indivíduos encontram na universidade a oportunidade para a iniciação ou continuação da prática esportiva de competição. Na grande maioria dos casos, a universidade dispõe a estrutura para os treinos, inscrição, alojamento e alimentação em competições, cabendo ao aluno-atleta estar regularmente matriculado.

Na UFSC, após verificar a necessidade de um órgão institucional que tratasse mais diretamente com as questões inerentes do esporte praticado dentro da UFSC e do esporte de representação da universidade, criou-se através da Portaria nº 394/GR/2010 a Divisão de Apoio ao Esporte Universitário, como um ente do Departamento de Integração Estudantil da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Esta divisão tem por missão desenvolver o esporte interno e de representação da UFSC, promover a integração entre todos os acadêmicos privilegiando a formação integral e o exercício da cidadania (UFSC, 2011).

Atualmente, temos no estado de Santa Catarina os Jogos Universitários Catarinenses (JUC's) como principal competição esportiva universitária, servindo como seletiva para os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), de onde é formada a seleção brasileira universitária para disputar os Jogos Universitários Mundiais (Universíades) (COSTA, 2010).

Com o envolvimento da mídia e a possibilidade de obter um respaldo no meio esportivo, algumas universidades particulares disponibilizam descontos nas mensalidades a atletas que a representem bem em competições, através da bolsa atleta. Com o incentivo financeiro, algumas universidades particulares buscam o ingresso de um atleta ou ex-atleta, incentivando assim a prática esportiva e dando oportunidade de estudo. Por outro lado, em universidades públicas não existem

incentivos financeiros. O incentivo pela prática do treinamento é intrínseco, não advindo da gratificação e conquista de bens materiais. Nestes casos, os fatores motivacionais do indivíduo são determinantes para o desempenho e a continuação da prática esportiva (BARROSO, 2007; COSTA, 2010).

## 2.4 MOTIVAÇÃO E MOTIVOS NO ESPORTE

Dentro da perspectiva do esporte moderno, muitas teorias, definições e interpretações são feitas a respeito da psicologia do esporte. Alguns pesquisadores a entendem como uma subárea da psicologia aplicada e outros como uma disciplina das ciências do esporte. Entretanto, devido ao relevante espaço conquistado no campo das pesquisas, a psicologia do esporte pôde se emancipar da sua “ciência-mãe”, sendo, portanto, uma disciplina científica independente, com suas próprias teorias, métodos e programas de treinamento (SAMULSKI, 2009).

A busca de razões para, em determinado tempo, uma pessoa escolher uma determinada forma de comportamento e a realizar com determinada persistência fez com que muitos pesquisadores encontrassem a resposta na motivação e utilizasse este evento como objeto de estudo também dentro da psicologia do esporte.

Contudo, para falar de motivação é preciso ter o conhecimento sobre a sua definição. Para tanto, encontra-se inúmeros conceitos acerca disso, onde muitas vezes se tem a motivação conceituada juntamente ao motivo. Inicialmente, faz-se necessário compreender etimologicamente seu significado, compreendendo, portanto, a “ação de por em movimento”, conferindo a intenção de movimento para ir de um local a outro (FRANZONI, 2006). Para Cratty (1983), os processos e fatores

da motivação em diversas situações conduzem os sujeitos a uma ação ou a inércia. Desta forma, pode-se definir motivação como um processo que se desenvolve no interior do indivíduo e o possibilita agir com o corpo ou mente, despendendo esforços para alcançar suas metas, ou seja, o nível de motivação está ligado ao mecanismo de autorrealização (ALVES; SERPA 1996; MACHADO, 1997; BRAGA, 2010).

A motivação, em suas abordagens mais tradicionais, pode ser caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos), ou ainda, de maneira mais objetiva, consiste na direção e intensidade de um esforço (WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009). A direção refere-se à procura, aproximação ou atração de um sujeito a certa situação. Intensidade do esforço diz respeito à quantidade de esforço despendida em determinada situação (WEINBERG; GOULD, 2008). Nestes moldes, a motivação apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas). Diante disto, podem-se distinguir técnicas de ativação e técnicas de estabelecer metas (SAMULSKI, 2009).

A interação entre os fatores internos e do meio ambiente influenciam a motivação para a prática esportiva, caracterizando o modelo interacional. Sendo assim, para qualquer atuação nesta área, algumas diretrizes devem ser consideradas - tanto o traço como as situações motivam as pessoas; os motivos para participação dos indivíduos nas atividades são diversos, podendo ser também através dos métodos e situações; a motivação pode sofrer alterações conforme modificações no ambiente; pessoas que possuem o perfil de liderança no grupo influenciam na motivação. Além disso, percebe-se que os fatores motivacionais,

dentro da ótica realista, estão suscetíveis em diferentes níveis de influência ao tempo, recursos e capacidades individuais (ALVES; SERPA, 1996; BARROSO, 2007; WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009).

Partindo deste pressuposto, pode-se considerar que a participação no esporte bem como o desempenho do indivíduo, são determinados pela motivação para competitividade e realização. A competitividade é representada pela disposição de luta por satisfação ao fazer comparações com algum padrão de superioridade na presença de avaliadores, já a motivação para realização refere-se aos esforços de uma pessoa de dominar uma tarefa, superar obstáculos, conhecer e sublimar seus limites, desempenhar melhor as atribuições e ter orgulho de seu talento (FRANZONI, 2006; WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009).

No âmbito do esporte e exercício físico, diversas teorias da motivação são encontradas – entre elas a Teoria da Atribuição, Teoria das Metas de Realização, Teoria da Motivação para Competência, Teoria da Necessidade de Realização e Teoria da Motivação para o Rendimento – considerando fatores pessoais e situacionais como prognosticadores importantes de comportamento, focalizando-se principalmente em como as pessoas explicam seus sucessos e fracassos, entender as diferenças de desempenho, percepção da capacidade e comportamento frente à realização (WEINBERG; GOULD, 2008).

Analisando o conceito acerca do que é o motivo, pode-se conceituá-lo como tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada maneira, como fator responsável pela origem a uma propensão ou a um comportamento específico. Estes impulsos podem ser concebidos ou provocados por um estímulo externo ou gerados internamente nos processos mentais do indivíduo, podendo ser moldados pela experiência (CHIAVENATO, 1999; DWECK, 1999).

Estudos sobre os inúmeros motivos de prática esportiva normalmente estão relacionados à escolha e forma de realização de determinada atividade, envolvendo motivos que levam à adesão, permanência e evasão na modalidade exercida ou até mesmo do esporte. Diante disto, com a finalidade de entender os fatores que influenciam na manutenção, alguns pesquisadores os dividiram em pessoais e ambientais. A questão pessoal abrange diferentes variáveis, entre elas as demográfica, cognitiva, de personalidade e de vivência anterior da atividade. No contexto ambiental, encontram-se o ambiente físico, social e as características da atividade física (BARROSO, 2007).

Na atualidade, apesar da constante transformação da sociedade, há de se considerar a diferença entre os sexos no aspecto motivacional. Em geral, o perfil feminino identifica-se mais no contexto envolvendo saúde, estética e condicionamento, contato social e identificação com os praticantes e demais pessoas envolvidas. Todavia, os homens estão fortemente caracterizados pela motivação em situações que envolvem competição e que podem trazer reconhecimento social ao praticante como status, não como socialização e realização social presente nas mulheres. Portanto, identifica-se o perfil masculino como motivado pela competição e o feminino para a realização da tarefa (WEINBERG; GOULD, 2008).

Esta caracterização das mulheres nos espaços sociais pode estar relacionada ao fato de que através da história foram constantemente limitadas às determinações do espaço privado. Diante disso, torna-se interessante entender o motivo pelo qual as mulheres se tornam atletas, identificadas com o esporte não só pelo prazer de praticá-lo, mas como forma de ganhar a vida e participar de uma cultura, anteriormente masculina (HILLEBRAND, 2007).



### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO**

Esta pesquisa se caracteriza como sendo transversal do tipo descritivo-exploratória, onde se faz registro e análise através da aplicação de um instrumento específico, abordando métodos quantitativos para descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 1991; SANTOS, 2011).

#### **3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA**

Participaram deste estudo 47 acadêmicas da Universidade Federal de Santa Catarina, frequentando regularmente os treinamentos das modalidades de basquetebol, futsal, voleibol e handebol oferecidas pela UFSC no primeiro semestre de 2011, com faixa etária de  $22,19 \pm 3,43$  anos. A amostragem foi não probabilística, pois os indivíduos foram escolhidos de forma intencional uma vez que se optou por investigar a totalidade das atletas envolvidas regularmente neste tipo de treinamento.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Utilizou-se como instrumento neste estudo a Escala sobre Motivos para Prática Esportiva (EMPE) (ANEXO A), adaptada e validada no Brasil por Barroso e Krebs em 2007 a partir do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), desenvolvido nos Estados Unidos por Diane L. Gill, John B. Gross e Sharon Huddleston, em 1983. Este instrumento é muito utilizado por pesquisadores, técnicos e gestores esportivos no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde a versão adaptada em Portugal por Sidónio Serpa e Jorge Frias em 1992 – Questionário de Motivação para Actividades Desportivas (QMAD) – conquistou grande espaço no campo científico. Considerando as diferenças culturais, de faixa etária e principalmente a atual condição do esporte em cada época com relação a esses dois instrumentos, desenvolveu-se a EMPE para adultos jovens brasileiros (BARROSO; 2007).

A EMPE visa determinar os motivos que levam jovens brasileiros à prática esportiva, sendo constituída por 33 itens que se distribuem em sete fatores motivacionais: status, condicionamento físico, energia, contexto, aperfeiçoamento da técnica, afiliação e saúde. Nele, os sujeitos da pesquisa atribuem valores em uma escala intervalar que varia de 0 a 10. Para determinar a importância de cada fator motivacional para o respondente, calcula-se sua média, somando os valores assinalados nas questões a ele pertencentes e dividindo pelo número de questões. Portanto, se um fator abriga 5 itens, basta somar os valores assinalados em cada um deles e dividir por 5. As médias obtidas podem ser classificadas das seguintes

formas: fator motivacional nada importante (valores entre 0,0 e 0,99); pouco importante (entre 1,0 e 3,99); importante (entre 4 e 6,99); muito importante (entre 7 e 9,99) e totalmente importante (10). Este instrumento é consistente em termos estatísticos, apresentando estabilidade e consistência interna nas categorias, indicando fidedignidade.

### 3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Após aprovação dos técnicos e coordenadores de cada modalidade envolvida em contato prévio, explicando o propósito do estudo, bem como o instrumento e protocolo utilizados, realizou-se a coleta de dados nos dias 18, 19 e 20 de abril de 2011.

Para participação na pesquisa, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE (ANEXO B). Foram dadas as orientações e esclarecimentos sobre os objetivos do estudo e preenchimento da escala. Adicionaram-se os seguintes campos: idade, modalidade praticada e tempo de prática na modalidade.

O instrumento foi aplicado de acordo com o seu Protocolo de Utilização (ANEXO C) para todo o grupo antes do início do aquecimento. Pediu-se para que as acadêmicas evitassem conversar ou observar as marcações umas das outras, para que não houvesse influência nos resultados. Ao recolher, verificou-se se todos os itens foram preenchidos corretamente. O tempo médio de preenchimento foi 5 minutos.

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados foram utilizados os seguintes métodos estatísticos: estatística descritiva, com cálculo de médias e desvios-padrão dos fatores motivacionais (geral e por modalidade), idade e tempo de prática; estatística inferencial (Kolmogorov-Smirnov para teste de normalidade; Kruskal-Wallis e U de Mann-Whitney). Usaram-se os programas Microsoft Office Excel 2007 e SPSS® Versão 15.0.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo contou com 47 acadêmicas da Universidade Federal de Santa Catarina participantes do treinamento das modalidades coletivas oferecidas pela instituição no primeiro semestre de 2011, com faixa etária de  $22,19 \pm 3,43$  anos e tempo de prática de  $9 \pm 3,86$  anos.

A fim de verificar a normalidade dos dados, aplicou-se o teste de ajustamento Kolmogorov-Smirnov. O resultado apresenta-se na tabela 1:

**Tabela 1** – Resultados do Teste de Kolmogorov-Smirnov para verificação de normalidade

	<i>r</i>	<i>p</i>
<b>STATUS</b>	0,122	0,075
<b>C. FÍSICO</b>	0,154*	0,007
<b>L. ENERGIA</b>	0,119	0,093
<b>CONTEXTO</b>	0,122	0,076
<b>A. TÉCNICO</b>	0,133*	0,036
<b>AFILIAÇÃO</b>	0,158*	0,005
<b>SAÚDE</b>	0,159*	0,004

(\*) $p < 0,05$

Apurou-se que a distribuição é não-normal para a maioria dos fatores motivacionais, sendo eles Condicionamento Físico, Aperfeiçoamento Técnico,

Afiliação e Saúde, indicando, portanto, a necessidade de aplicar testes não-paramétricos aos resultados.

#### 4.1 FATOR MOTIVACIONAL GERAL

Buscando identificar os valores totais obtidos para cada fator motivacional, aplicou-se estatística descritiva, utilizando média e desvio-padrão, onde os valores encontrados estão apresentados na tabela a seguir:

**Tabela 2** – Médias e desvios-padrão dos fatores motivacionais do grupo

STATUS	C.FÍSICO	L. ENERGIA	CONTEXTO	A. TÉCNICO	AFILIAÇÃO	SAÚDE
5,95 ( $\pm 2,22$ )	8,28 ( $\pm 1,52$ )	8,02 ( $\pm 1,46$ )	5,87 ( $\pm 2,15$ )	7,86 ( $\pm 1,71$ )	7,91 ( $\pm 1,75$ )	8,41 ( $\pm 1,59$ )

Diante dos resultados apresentados, pode-se verificar “Saúde” como principal fator motivacional com média  $8,41 \pm 1,59$ , seguido por “Condicionamento Físico”  $8,28 \pm 1,52$  e “Liberação de Energia”  $8,02 \pm 1,46$ , todos classificados na EMPE como “muito importantes”. Várias pesquisas relacionadas à motivação para prática de atividade física/desporto, tanto de alto nível como de iniciação esportiva, sem restrições tanto em relação a modalidades coletivas e individuais quanto à idade dos praticantes e o local de prática, têm revelado que os aspectos “Saúde” e “Condicionamento Físico” são obtidos, em geral, entre os motivos mais importantes. (PUSSIELDI; SAMULSKI, 2005; ALVES et.al, 2007; SALDANHA et al., 2007; NACIF; MORAES, 2009; VEIGAS et al., 2009; LIZIERO; FAGUNDES, 2010; KREBS et al.,

2011). Análogo a isto, Silva; Coqueiro; Barbosa (2009), ao verificar os motivos de prática da natação em 155 adultos de ambos os sexos, relatam que as categorias motivacionais que alcançaram maior pontuação foram “Saúde” e “Condicionamento Físico”. Já a categoria “Status” atingiu a menor pontuação.

Torna-se interessante destacar que as categorias que apresentaram menor média quanto à importância motivacional do grupo, “Contexto” (média  $5,87 \pm 2,15$ ) e “Status” (média  $5,95 \pm 2,22$ ), estão classificadas na EMPE como “importantes” e apresentam maior desvio-padrão, indicando que, nas respostas pertencentes a estes fatores, o grupo apresenta-se menos homogêneo. Neste sentido, Barroso et al. (2007) também encontraram “Status” como fator de menor importância para prática de esportes coletivos universitários em Santa Catarina e ainda, que os escores desta categoria apresentam diferenças significativas entre os sexos, onde as mulheres possuem valores mais baixos.

Estes resultados corroboram com os obtidos por Cid (2002) no sentido de afirmar o “Status” como fator com mais importância no sexo masculino. Nesta pesquisa, o autor aplicou o QMAD em estudantes entre 15 e 20 anos para investigar seus motivos de prática desportiva, revelando um caráter predominantemente extrínseco, relacionado com as recompensas que a prática pode proporcionar e influências externas ao sujeito. Sendo as razões principais encontradas: viajar, influência da família e amigos, influência dos treinadores, receber prêmios, pretexto para sair de casa, ser conhecido, ter a sensação de ser importante e ser reconhecido e ter prestígio.

## 4.2 FATOR MOTIVACIONAL POR MODALIDADE

Como outros estudos pesquisados abordam o tema em questão analisando uma única modalidade, surgiu a necessidade de calcular os valores das médias e desvios padrão por modalidade, buscando melhor comparativo com a literatura pesquisada.

**Tabela 3** – Médias e desvios-padrão dos fatores motivacionais conforme modalidade.

	STATUS	C.FÍSICO	L. ENERGIA	CONTEXTO	A. TÉCNICO	AFILIAÇÃO	SAÚDE
<b>BB</b>	5,91 ( $\pm 2,06$ )	8,90 ( $\pm 1,19$ )	8,82 ( $\pm 1,18$ )	6,54 ( $\pm 1,32$ )	8,05 ( $\pm 1,12$ )	8,90 ( $\pm 1,12$ )	8,90 ( $\pm 1,50$ )
<b>FS</b>	5,57 ( $\pm 2,83$ )	7,89 ( $\pm 1,85$ )	7,57 ( $\pm 1,57$ )	5,20 ( $\pm 2,43$ )	7,42 ( $\pm 2,38$ )	7,51 ( $\pm 1,46$ )	8,30 ( $\pm 1,79$ )
<b>VB</b>	5,70 ( $\pm 1,77$ )	7,77 ( $\pm 1,76$ )	7,18 ( $\pm 1,70$ )	5,70 ( $\pm 2,16$ )	7,27 ( $\pm 1,84$ )	7,76 ( $\pm 1,76$ )	8,07 ( $\pm 1,69$ )
<b>HB</b>	6,40 ( $\pm 2,23$ )	8,48 ( $\pm 1,24$ )	8,34 ( $\pm 1,10$ )	6,01 ( $\pm 2,11$ )	8,40 ( $\pm 1,18$ )	7,66 ( $\pm 2,13$ )	8,40 ( $\pm 1,53$ )

Verificou-se que os fatores que mais motivam as atletas de basquetebol são, pela ordem, “Afiliação”, “Condicionamento Físico” e “Saúde” onde as três categorias apresentaram médias 8,90, classificadas na EMPE como “muito importantes”; em seguida, vieram “Liberação de Energia”; “Aperfeiçoamento Técnico”; “Contexto” e “Status”. Haja visto o resultado idêntico entre as médias das categorias mais influentes, torna-se interessante observar os valores apresentados nos desvios-padrão, uma vez que estes números podem indicar maior homogeneidade do grupo



nas respostas pertencentes a cada fator. Desta forma, “Afiliação” apresenta o menor desvio-padrão ( $\pm 1,12$ ), seguido de “Condicionamento Físico” ( $\pm 1,18$ ) e “Saúde” ( $\pm 1,50$ ). Entretanto, a diferença entre estes valores de desvios-padrão não é estatisticamente significativa.

Estes resultados são semelhantes aos apresentados por Carmo (2009) em pesquisa realizada junto a 385 atletas de diversas modalidades coletivas, onde, apesar de analisar ambos os sexos, as maiores médias são obtidas nos itens “Influência da televisão”, “Manter-me em forma”, “Superar a mim mesmo”, “Influência dos pais”, “Porque tenho condições físicas” e “Por ter amigos que praticam este esporte” caracterizando, portanto, itens que se encaixam principalmente nos fatores “Afiliação” e “Condicionamento Físico”.

Já para o Futsal, a maior motivação se encontra em “Saúde”, seguida de “Condicionamento Físico”, “Liberação de Energia”, “Afiliação”, “Aperfeiçoamento Técnico”, “Status” e “Contexto”. Este resultado é semelhante ao encontrado por Soares et al. (2010) que, ao aplicar o Participation Motivation Questionnaire - PMQ em 100 atletas de futsal de 16 a 35 anos no estado de Minas Gerais, apontando a “Forma Física” como principal fator, seguida de “Diversão”, “Energia” e “Equipe”. As atletas de voleibol também se mostraram mais motivadas pela “Saúde”, seguida de “Condicionamento Físico”, “Afiliação”, “Aperfeiçoamento Técnico”, “Liberação de Energia” e, por último, “Contexto” e “Status”.

Entretanto, estas classificações diferem do estudo realizado por Rosolen (2006) que, ao aplicar também o instrumento PMQ em 80 acadêmicas praticantes de futsal durante uma competição universitária no Rio Grande do Sul, verificou que a tendência para a importância da “Equipe” foi mais elevada, seguida de “Diversão”, “Habilidades” e apresenta “Amigos” com menor grau de importância para o grupo. A

predominância do fator “Saúde”, neste estudo, contrapõe a afirmação de Lopes (1997) em que o trabalho masculino se define a partir de atributos como força, razão, técnica, e o trabalho feminino se define a partir de características femininas inatas como destreza manual, delicadeza, habilidade fina, fragilidade e sensibilidade.

O handebol foi o único que não se motivou pela “Saúde” em primeiro lugar, sendo superada pelo “Condicionamento Físico” e se igualando numericamente ao “Aperfeiçoamento Técnico” – embora os resultados se apresentem bem próximos entre os fatores. Em quarto lugar, veio “Liberação de Energia”, seguida de “Afiliação”, “Status” e “Contexto”. Semelhante a este resultado, encontra-se a pesquisa realizada em Moçambique por Fonseca et al. (2001) em que 225 alunos entre 12 e 25 anos de ambos os sexos foram submetidos a uma versão adaptada do PMQ, constatando-se que os motivos mais importantes se relacionam de algum modo com o desenvolvimento das suas competências para a prática desportiva, seguidos dos relativos à competição e à afiliação. Estes itens, de acordo com o instrumento, pertencem às categorias “Condicionamento Físico”, “Aperfeiçoamento Técnico” e “Afiliação”.

Tendo em vista a variação na ordem de importância dos fatores motivacionais entre as modalidades, sentiu-se a necessidade de verificar se existia diferença significativa entre elas. Para isto, aplicou-se o teste de Kruskal-Wallis, apresentado na tabela 4:

**Tabela 4** – Comparação dos motivos de prática entre modalidade

	STATUS	C.FÍSICO	L. ENERGIA	CONTEXTO	A. TÉCNICO	AFILIAÇÃO	SAÚDE
$\chi^2$	1,339	2,561	6,928	1,838	2,169	4,749	2,326
p	0,720	0,464	0,074	0,607	0,538	0,191	0,508

(\*) p < 0.05

Ao se aplicar o teste de Kruskal-Wallis, verificou-se que não há diferença significativa entre as quatro modalidades em questão. Estes valores obtidos indicam que as praticantes estão mais homogêneas entre si, com uma equipe pontuando menos (sendo menos motivada) nos mesmos fatores que as demais, e, da mesma forma, pontuando mais (sendo menos motivada) por outros fatores. Entretanto, todos os fatores se enquadram na categoria “importante” ou “muito importante”, caracterizando baixa variação. Torna-se interessante destacar também que a EMPE é mais sensível estatisticamente que o PMQ ou QMAD por possuir mais “números” na escala, detectando com mais facilidade as diferenças.

#### 4.3 FATOR MOTIVACIONAL CONFORME IDADE

Identificar se a idade influencia na importância dada a cada fator motivacional é algo que muitos autores têm pesquisado na atualidade. O grupo participante do estudo, que apresentou faixa etária de  $22,19 \pm 3,43$  anos, foi dividido em duas categorias de acordo com a idade para se realizar a comparação entre as variáveis já mencionadas. A “categoria 1” compreendeu universitárias com idades entre 17 e 23 anos e a “categoria 2” com as acadêmicas de 24 anos ou mais. Os resultados encontrados apresentam-se na tabela a seguir:

**Tabela 5** – Comparação dos fatores motivacionais conforme a idade.

	STATUS	C.FÍSICO	L. ENERGIA	CONTEXTO	A. TÉCNICO	AFILIAÇÃO	SAÚDE
<b>U de Mann-Whitney</b>	-0,131	-0,673	-1,458	-0,120	-0,208	-1,032	-0,388
<b>p</b>	0,895	0,501	0,145	0,904	0,835	0,302	0,698

(\*) p &lt; 0,05

Após aplicar o teste U de Mann-Whitney para comparar as duas faixas etárias (17 a 23 anos e 24 ou mais), verificou-se que não há diferença significativa nos resultados apresentados pelas mesmas. Entretanto, Carmo (2009) verificou que os motivos de início no esporte em jovens têm diferenças relacionadas à idade nos itens “diversão” e “porque tenho condições físicas”, onde em ambos a pontuação média dos indivíduos que possuem mais de 20 anos foi superior que as dos indivíduos com até 20 anos. Nesta linha, Rosolen (2006) também apresentou uma correlação estatística significativa entre as idades das atletas universitárias de futsal feminino e o fator “Status” da motivação. Ou seja, quanto maior a idade, maior a motivação por “Status”. Portanto, a diferença não significativa encontrada neste estudo pode estar ligada ao fato de que a grande maioria das participantes se encontra classificada como “adulta jovem” pelos teóricos do desenvolvimento humano, não divergindo consideravelmente as opiniões (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

#### 4.4 FATOR MOTIVACIONAL CONFORME O TEMPO DE PRÁTICA

Os indivíduos do estudo apresentaram tempo de prática de  $9 \pm 3,86$  anos. Para análise comparativa entre os fatores motivacionais e o tempo de prática na modalidade, foi dividido o grupo participante em três categorias de acordo com o tempo de prática da modalidade. A “categoria 1” compreendeu universitárias com tempo de prática entre 0 e 5 anos, a “categoria 2” entre 6 e 10 anos de prática e a “categoria 3” entre 11 e 15 anos. Utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis para comparar as variáveis já mencionadas, de acordo com a tabela b:

**Tabela 6** – Comparação dos fatores motivacionais conforme o tempo de prática

	STATUS	C.FÍSICO	L. ENERGIA	CONTEXTO	A. TÉCNICO	AFILIAÇÃO	SAÚDE
$\chi^2$	3,756	0,304	3,152	2,040	2,966	4,240	0,987
p	0,153	0,859	0,207	0,361	0,227	0,120	0,610

(\*)  $p < 0.05$

Aplicado o teste de Kruskal-Wallis, não se encontrou diferenças significativas entre as três categorias de tempo de prática do presente estudo. Este resultado corrobora o estudo de Carmo (2009) realizado em jovens praticantes de desportos, que ao dividir os participantes em dois grupos – até cinco anos de prática e com mais de cinco anos de prática – também não encontrou diferenças significativas entre as variáveis propostas.

#### 4.5 FATORES MOTIVACIONAIS DE 2007 PARA 2011

Muitos autores acreditam que o crescimento se faz através da avaliação e da análise dos fatos. Por acreditar que o processo de avaliação e análise é de fundamental importância para o crescimento, optou-se pela realização da comparação entre fatores motivacionais presentes nas equipes universitárias de 2007 e as equipes de 2011. Para isto, utilizou-se como fonte de dados a pesquisa feita por Barroso et al. (2007) intitulada “Motivos de Prática de Esportes Coletivos Universitários em Santa Catarina” .

Neste estudo aplicou-se o Questionário de Motivação em Atividade Desportiva (QMAD), adaptado por Serpa e Frias em 1990, para verificar os motivos de prática de esportes coletivos entre 100 universitários - 51 homens e 49 mulheres – de uma instituição pública. O questionário é composto por 30 itens que, devidamente agrupados, identificam sete tipos de motivação para a prática esportiva: status, diversão, afiliação, contexto, aptidão física, aperfeiçoamento técnico e influência de família & amigos. A importância de cada item é atribuída pelos participantes numa escala Likert com valores entre 1 e 5 (de nada importante a totalmente importante). Segundo os autores, os motivos considerados mais importantes são os que apresentam valores > 4. Os resultados apresentaram diferença significativa entre os sexos nos quesitos status e afiliação, sendo que também houve diferença significativa entre os resultados das quatro modalidades femininas pesquisadas.

Ao analisar os dois instrumentos utilizados – QMAD em 2007 e EMPE em 2011 -, verifica-se que as categorias não estão nomeadas exatamente como o outro instrumento, ou simplesmente não existem. Eis algumas considerações a respeito

destes fatores: Em comum nos dois instrumentos, encontra-se Aperfeiçoamento Técnico; Contexto; Aptidão Física – nomeada Condicionamento Físico na EMPE; Atividade em Grupo – nomeada Afiliação; Realização/Estatuto – nomeada Status. Específicas do QMAD, encontram-se Diversão e Família; da EMPE, Saúde e Liberação de Energia.

A classificação dos fatores motivacionais em 2007 apresentou-se da seguinte forma: Aperfeiçoamento Técnico (Importante); Diversão (Importante) e Atividade em Grupo (Importante); Aptidão Física (Importante); Contexto (Pouco Importante); Realização/Estatuto (Pouco Importante); Família (Pouco Importante). Já em 2011, os fatores revelam-se: Saúde (Muito Importante); Condicionamento Físico (Muito Importante); Liberação de Energia (Muito Importante); Afiliação (Muito Importante); Aperfeiçoamento Técnico (Muito Importante); Status (Importante); Contexto (Importante).

Para melhor visualização desta classificação, elaborou-se a tabela 7, ilustrada a seguir:

**Tabela 7** – Comparação entre os resultados obtidos nos anos de 2007 e 2011.

	2007	2011
<b>REALIZAÇÃO/STATUS</b>	2,6	5,95 ( $\pm 2,22$ )
<b>A. FÍSICA/C. FÍSICO</b>	3,3	8,28 ( $\pm 1,52$ )
<b>L. ENERGIA</b>	-	8,02 ( $\pm 1,46$ )
<b>CONTEXTO</b>	2,8	5,87 ( $\pm 2,15$ )
<b>A. TÉCNICO</b>	3,8	7,86 ( $\pm 1,71$ )
<b>A. GRUPO/AFILIAÇÃO</b>	3,5	7,91 ( $\pm 1,75$ )
<b>SAÚDE</b>	-	8,41 ( $\pm 1,59$ )
<b>DIVERSÃO</b>	3,5	-
<b>FAMÍLIA</b>	2,6	-

Observa-se que, no instrumento QMAD, não há o fator “Saúde”, característica do instrumento brasileiro EMPE, apontando para a corroboração da necessidade de incluir esse fator conforme apurado nas pesquisas de validação junto ao público-alvo (BARROSO, 2007). “Diversão”, em 2007, alcançou o segundo lugar em motivação, entretanto esta categoria não integra a EMPE.

“Aperfeiçoamento Técnico” era o fator mais importante, na ordem de prioridade, em 2007. Em 2011, apesar de ainda ser considerado “muito importante”, ele não está entre os maiores fatores motivacionais, ocupando a quinta posição – portanto, neste segundo estudo, outros motivos exercem mais motivação.

“Atividade em Grupo ou Afiliação” encontrou-se como terceiro fator em importância em 2007, caindo para quarta posição em 2011. Contudo, se considerarmos que na pesquisa de 2007 não havia o fator “Saúde” – mais importante em 2011, afiliação manteve-se praticamente na mesma ordem de importância.

“Aptidão Física” encontrou-se como quarto fator em 2007 e subiu para segundo em importância em 2011. Se considerarmos que não havia o fator saúde em 2007, poderia ser considerado o primeiro agora, em comparação. Portanto, as equipes femininas passaram a dar maior importância à preparação e condicionamento físico para entrar em competição. Considerando a queda de importância da técnica e a ascensão da saúde, pode-se inferir uma possível mudança na linha de concepção do treinamento das atletas das equipes femininas em questão. Esta alteração pode ter sido influenciada por diversos fatores, entre eles, acredita-se que a mudança constante dos técnicos nas equipes de futsal e handebol, a permanência de praticamente toda a equipe de basquetebol modificado



o foco inicial (em 2007) e no voleibol, a significativa mudança de um grupo com bastante vivência competitiva para outro que a “experiência” na modalidade se deu somente através do desporto escolar.

“Contexto”, quinto lugar em 2007 e último em 2011. Caracteriza-se uma importância menor ainda atribuída a esse fator (Influência de pais e amigos; relação com o técnico; gostar de ambientes e acessórios esportivos). Estes resultados possivelmente caracterizam um perfil mais individualista ou mais maduro, onde a a motivação para prática esportiva, hoje, não é a questão mais importante para as atletas, onde a opinião de técnicos, pais e amigos contam menos hoje em dia. Realização-Estatuto (Status), sexto lugar, pouca importância em 2007. A exemplo da afiliação, manteve sua posição na ordem de prioridade das atletas. Isso corrobora pesquisas que apontam a motivação por status como uma forte característica masculina (BARROSO et al, 2007; WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009). Portanto, quatro anos depois, status continua não se destacando entre os fatores que mais motivam as universitárias.

“Família” obteve menor importância em 2007 e é uma categoria que também não integra a EMPE. Porém, como se caracteriza por ser um fator constituído por uma única questão no QMAD (“Meus pais e/ou amigos querem que eu jogue”), é importante ressaltar que ela se encontra diluída entre as afirmações integrantes do fator contexto, que obteve menor importância em 2011.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base dos resultados apreciados neste estudo, pode-se concluir que, para as acadêmicas da UFSC, há maior ênfase atribuída ao Fator Motivacional da Saúde como o representante do conjunto de motivos mais importantes para a satisfação de suas necessidades associadas à prática esportiva de modalidades coletivas enquanto atletas universitárias. Em decorrência deste resultado, observou-se a prevalência da motivação intrínseca sobre a motivação extrínseca na pesquisa. Descaracterizando a preferência das participantes pelos benefícios e gratificações materiais oferecidas pelo meio, sob forma de reforço externo.

No que diz respeito às modalidades específicas, constatou-se que para o Basquetebol, os fatores motivacionais são “Afiliação”, “Condicionamento Físico” e “Saúde”. Estes resultados apontam para uma equipe mais coesa e preocupada com a saúde. A questão da “Afiliação” pode estar ligado ao fato de que a maioria das atletas que integram a equipe atualmente treina desde 2007 juntas, ocasionando possivelmente, uma maior motivação nas atletas devido às amizades realizadas ao longo destes quatro anos. Tanto para o Futsal quanto para o Voleibol, a maior motivação encontra-se na “Saúde”, entretanto, esta categoria só não se deu mais relevante no Handebol, onde “Condicionamento Físico” assume este papel. No Futsal e no Handebol, a mudança constante dos técnicos pode ter influenciado na expectativa das atletas com o treinamento. Ainda no Handebol, esta alteração do fator motivacional pode ter sido ocasionada a partir do momento em que foi

percebida a superioridade do condicionamento físico das adversárias, onde, na expectativa de uma melhora para “nivelamento” das disputas, passou-se a dar mais importância ao “Condicionamento Físico”. Já no Voleibol, a possível mudança de um grupo com bastante vivência competitiva para outro com menos experiência e contato com a modalidade fora dos moldes da escola pode ter acarretado na alteração dos aspectos motivacionais de 2007 para 2011. Em contrapartida, em todas as modalidades, “Status” e “Contexto” obtiveram menor importância. Este fato pode apontar para corroboração com estudos que afirmam que a motivação dada pelo Status é uma característica masculina.

Não houve diferenças significativas dos fatores motivacionais conforme modalidade, faixa etária e tempo de prática. Indicando possivelmente que para atletas com perfil similar (mesmo sexo e escolaridade), idade e tempo de prática não façam tanta diferença. Entretanto, este fato pode ter sido influenciado pelo pequeno número de participantes da pesquisa.

Ao compararmos os resultados obtidos em 2007 e 2011, observa-se que as equipes femininas passaram a dar maior importância à preparação e condicionamento físico para entrar em competição. Considerando a queda de importância da técnica e o destaque da saúde pode-se inferir que tenha ocorrido uma possível mudança da linha de concepção de treinamento das atletas em questão, haja vista também que o período analisado compreende quatro anos, tempo necessário para conclusão da maioria dos cursos disponibilizados pela UFSC, caracterizando, possivelmente, a mudança do ciclo de atletas. Outro aspecto relevante diz respeito ao “Aperfeiçoamento Técnico” que passou de principal motivador em 2007 para penúltima colocação em 2011, o que pode encaminhar para a realização da prática esportiva nos moldes de participação. “Status” e “Contexto”

mantêm-se como menos importantes e “Atividade em Grupo ou Afiliação” continua com o mesmo grau de relevância na motivação para as atletas, apesar de a maioria de os fatores terem sofrido alterações neste período.

Espera-se que após a realização desta pesquisa se possa contribuir com trabalhos que venham a ser desenvolvidos em diversas áreas, como por exemplo, na psicologia do esporte, abordando aspectos relacionados à motivação, perfil de atletas, controle de ansiedade, esporte universitário e esporte feminino. Ainda nesta linha, servir de instrumento aos treinadores e à DAEU da UFSC para desenvolvimento de projetos de acordo com o perfil dos atletas e das modalidades.

Recomenda-se, para futuros estudos, a ampliação do público pesquisado a fim de possibilitar novos estudos estatísticos, bem como a aplicação da EMPE junto a atletas de universidades particulares e de outras instituições públicas de ensino superior, não somente de Santa Catarina como de outros estados.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J.; BRITO, A.; SERPA, S. **Psicologia do esporte**: Manual do treinador. Lisboa: Edições Psicospport, 1996.

ALVES, M. P. et.al. Motivos que justificam a adesão de adolescentes à prática da natação: qual o espaço ocupado pela saúde? **Rev. Bras. Med. Esporte**. v.13, n.6, nov./dez., 2007.

ANDERSEN, L.M. A forma física, um seguro de vida. In: **Enciclopédia Salvat da Saúde**. Salvat Editora. v.1, p.3-4, 1983.

ASSUMPÇÃO, L. O. T.; MORAIS, P. P. de; FONTOURA, H.. Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida. Notas introdutórias. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 8, n.52, set./2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd52/saude.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

BARBANTI, E. J. Educação Física e Saúde, 2008. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/elianejb/weblog/31996.html>>. Acesso em: 10 nov. 2010

BARROS, J. M. de C. Cidadania e a prática esportiva formal e não formal. **Rev. Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.3, p.99-105, mai/1998.

BARROSO, M. L. C. **Validação do Participation Motivation Questionnaire adaptado para determinar motivos de prática esportiva de adultos jovens brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – UFSC, Florianópolis, 2007.

BARROSO, M. L. et al. **Motivos de prática de esportes coletivos universitários em Santa Catarina**. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Florianópolis, 2007.

BIANCHI, P. HATJE, M. Mídia e Esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. **Motrivivência**. [s/l], ano18, n.27, p.165-178, dez/2006.

BOAVENTURA, P. L. B.; VAZ, A. F. **Políticas do corpo feminino: a(s) identidade(s) feminina(s) em atletas de ginástica rítmica (GR)**. In: FAZENDO GENERO 9: Florianópolis, 2010.

BOMPA, Tudor O. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. São Paulo: Phorte, 2002.

BOUCHARD, C. et al. Exercise, fitness and health: the consensus of current knowledge. **Exercise, fitness and health**. Champaign, Illinois. Human Kinetics Books, 1990.

BRAGA, A. C. S. **Fatores motivacionais de crianças praticantes de natação da cidade de Macapá**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

BRASIL. Lei nº 9615 de 24 de março de 1998. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm)>. Acesso em: 18 abr. 2011.

CARMO, J. V. de M. Motivos de início e abandono da prática esportiva em atletas brasileiros. **HU Revista**, Juiz de Fora, v.35, n.4, p.257-264, out./dez, 2009.

CHIAVENATO, I. **Administração nos novos tempos: Os novos horizontes em administração**. São Paulo: Makron Books, 1999.

CID, L. F. Alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 8, n.55, dez./2002.

COSTA, Roberto C. **O desporto universitário catarinense e sua participação nas Olimpíadas Universitárias**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – UDESC, Florianópolis, 2010.

CRATTY, B.J. **Psicologia no Esporte**. Rio de Janeiro: Prentie Hall do Brasil, 1983.

DANTAS, E. **A prática da preparação física**. 4. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

DEZAN, F. Esporte e questões relacionadas ao gênero. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 14, n.137, out/2009.

DWECK, A. S. **Self-theories**: their role in motivation, personality, and development. Lillington: Edwards Brothers. 1999).

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). **A busca da excitação**. Trad. M.M.A. e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FARIA, T. G. **Análise comparativa do nível de motivação intrínseca de atletas de ambos os sexos, participantes de esportes individuais e coletivos, com diferentes níveis de experiência**. Trabalho de Dissertação. UFPR, Curitiba, 2004.

FESTLE, M. **Playing Nice**: Politics and Apologies in Women's Sports. New York: Columbia University Press, 1996.

FILGUEIRA, F. M.; GRECO, P.J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem–treinamento. **Rev Bras Futebol**.[s/l], v.1, n.2, p.53-65, jul./dez. 2008.

FONSECA, A.M. et al. **Estudo inicial sobre os motivos para a prática desportiva em Moçambique**. In: A. M. Fonseca (Ed.), 2001.

FONTOURA, A. **Didática Geral**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1986.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 23.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FRANZONI, T. B. **Fatores motivacionais associados à prática esportiva de atletas de voleibol**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciência da Saúde e do Esporte. UFSC, Florianópolis, 2006.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Trad: ARAÚJO, M.A.; RIBEIRO, J de M.; SILVA, J.P.S e. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Lecturas Educación Física y Deportes** (periódico on-line). 2002; 45. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd45/ensino1.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991

GOELLNER, S. V. Entre o sexo, a beleza e a saúde: O esporte a cultura fitness. jun./dez. 2006. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/silvana.htm>>. Acesso em: 20 abr.2011.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Atividade Física, Aptidão Física e Saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**. [s/l], v.1, n.1, p. 18-35, 1995.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Exercício físico na promoção da saúde**. Londrina: Midiograf, 1995.

HILLEBRAND, M. D. **Dando voz às mulheres participantes do esporte universitário**: contradições e desafios para a prática esportiva. Tese de doutorado em serviço social. PUC-RS, Porto Alegre, 2007.

IGUMA, E. Aspectos do Treinamento Total no Judô. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro,1991. Disponível em: <<http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/1991/aspectosjudo.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2011.

KREBS, R. J. et al. Disposição de adolescentes para a prática e esportes: um estudo orientado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. **Revista Motriz**. Rio Claro, v.17 n.1, p.195-201, jan./mar. 2011.

LIZIERO, L. FAGUNDES, T. F. Fatores motivacionais de adolescentes praticantes de futebol de diferentes classes econômicas. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, n.150, nov./2010.

LOPES, M. J. M. Mulheres, saúde e trabalho. In. STREY, M. N. (Org.). **Mulher estudo de gênero**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1997.



LUPTON, D.. **The Imperative of Health**: Public Health and the Regulated Body. Thousand Oaks, CA.: Sage Publications, 1995.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: temas emergentes I. 1.ed. Jundiaí: Ápice, 1997.

MAGLISCHO, E.W. **Nadando ainda mais rápido**. São Paulo: Ed. Manole, 1999.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K.R. Evidências da importância da atividade física nas doenças cardiovasculares e na saúde. **Revista Diagnóstico e tratamento**, [s/l], v.5, n. 2, p. 10-17, 2000.

MORAES, L. C. Ansiedade e desempenho no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, [s/l], v. 4, n. 2, p. 51-56, 1990.

MOYA, J. et al. Ansiedad y alto rendimiento deportivo. **Archivos de Medicina del Deporte**. [s/l], v. 12, n. 49, p. 373-377, 1995.

NACIF, C.; MORAES, J. M. de. Fatores Motivacionais para prática de capoeira. **Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.135, ago./2009**.

NICHOLLS, J.G. Achievement motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. **Psychological Review**, v.91, n.3, p.328-346, 1984.

PELLEGRINOTTI, I. L. Atividade física e esporte: A importância no contexto saúde do ser humano. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**. [s/l], v.3, n.1, p. 22-28, 1998.

PUSSIELDI, G. de A.; SAMULSKI, D.M. Motivos para a prática da natação: aplicação e validação do questionário. **R. Min. Educ.Fís.**, Viçosa, v.13, n.1, p.7-32, 2005.

RIBEIRO, J. L. S. **Conhecendo o Voleibol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

ROBERGS, R. A.;ROBERTS, S. O. **Princípios Fundamentais de Fisiologia do Exercício**: para aptidão, desempenho e saúde. São Paulo: Phorte. 2002.

ROSOLEN, M. **Futsal Feminino: a motivação para o esporte em atletas universitárias de futsal feminino.** Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação. PUC-RS, 2006.

SALDANHA, R. P. et al. Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo sobre a estética em adolescentes do sexo feminino. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, [s/l], vol. 6, n. 2, set/2007.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas.** São Paulo: Manole, 2009.

SANTOS, A. M. M. M. et al. **Esportes no Brasil: situação atual e proposta para desenvolvimento.** [s/d] Disponível em: <[http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/esporte.pdf](http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/esporte.pdf)>. Acesso em: 17 mai. 2011.

SANTOS, S. G. dos. (Org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa Quantitativa Aplicada à Educação Física.** Tribo da Ilha, Florianópolis, 2011.

SANTOS, S. G.; SHIGUNOV, V. **Suporte psicológico ao atleta: uma necessidade teórica que precisa ser aplicada.** [s/d] Disponível em: <[http://www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/Santos\\_Shigunov\\_Artigo.pdf](http://www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/Santos_Shigunov_Artigo.pdf)>. Acesso em: 23 mai. 2011.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C.. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. v.31, n.5, p.538-42, out/1997.

SILVA, G. P. da; COQUEIRO, R. da S.; BARBOSA, A. R. Motivos que determinam a prática da natação em adultos. **Revista Digital.** Buenos Aires, Ano 14, nº 137, Out/2009.

SKINNER, B. F. **The technology of teaching.** New York: Appleton-Century, 1968.

SOARES, W. D. et al. Motivação para o futsal em atletas participantes dos Jogos do Interior de Minas – JIMI. **Revista Digital.** Buenos Aires, ano 15, n.148, set./2010.

UFSC. **Divisão de Apoio ao Esporte Universitário.** Disponível em: <<http://portalcds.ufsc.br/files/2010/08/Divisao-de-Apoio-ao-Esporte-Universit%e0rio.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2011.

VEIGAS, J. et al. **Motivação para prática e não prática do desporto escolar**. 2009 Disponível em:<<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0495.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2011.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**, 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WONG, E. H.; BRIDGES, L. J. A model of motivation orientation for youth sport: Some preliminary Work. **Adolescence**, n.30, p.437-452. 1995.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Escala de Motivos para Prática Esportiva

### ESCALA SOBRE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)

“Participation Motivation Questionnaire(PMQ)”

D. GILL; J. GROSS & S. HUDDLESTON

Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs(2007)

(CEFID/UDESC - Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora)

Abaixo temos alguns motivos que fazem com que as pessoas pratiquem esportes. Leia cada item com atenção e, por favor, marque com um “X” o quanto cada um deles é importante para **você** praticar sua modalidade **HOJE**.

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante
1. Eu quero melhorar minha técnica	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
2. Eu quero estar com meus amigos	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
3. Eu gosto de vencer	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
4. Eu preciso liberar energia	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
5. Eu gosto de viajar	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
6. Eu quero ficar em forma	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
7. Eu gosto de sentir emoções fortes	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
8. Eu gosto de trabalhar em equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
9. Meus pais e/ou amigos querem que eu jogue	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
10. Eu quero aprender novas técnicas	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
11. Eu quero manter a saúde	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
12. Eu gosto de fazer novas amizades	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
13. Eu prefiro fazer algo em que sou bom	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
14. Eu preciso liberar tensão	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
15. Eu gosto de ganhar prêmios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
16. Eu gosto de fazer exercícios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
17. Eu gosto de ter algo para fazer	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
18. Eu gosto de estar fisicamente ativo	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
19. Eu gosto do espírito de equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
20. Eu gosto de sair de casa	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
21. Eu gosto de competir	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
22. Eu quero adquirir hábitos saudáveis	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
23. Eu gosto de me sentir importante	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
24. Eu gosto de fazer parte de uma equipe	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
25. Eu quero superar meus limites	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
26. Eu quero estar em forma	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
27. Eu quero me destacar socialmente	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
28. Eu gosto de desafios	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
29. Eu gosto dos técnicos e/ou professores	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
30. Eu quero ganhar status ou ser reconhecido	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
31. Eu gosto de me divertir	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
32. Eu quero melhorar ainda mais minha saúde	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10
33. Eu gosto de usar Instalações e equipamentos esportivos	0	1 2 3	4 5 6	7 8 9	10

#### **INFORMAÇÕES ADICIONAIS:**

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Tempo de prática da modalidade:** \_\_\_\_\_

**Curso que realiza na UFSC:** \_\_\_\_\_

## ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
– Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996, segundo o Conselho Nacional de Saúde

Eu \_\_\_\_\_, aceito livremente participar do estudo “Motivos para a prática competitiva de esportes coletivos femininos na Universidade Federal de Santa Catarina” sob responsabilidade do pesquisador Prof. Ms. Paulo Marcelo Soares de Macedo, docente do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e participação da acadêmica Bruna Matos Maccari.

**Propósito do Estudo:** Verificar os motivos que levam as acadêmicas que representam a UFSC em competições universitárias a treinar regularmente modalidades esportivas coletivas.

**Participação:** Ao concordar em participar, deverei estar à disposição para responder um questionário, contendo informações sobre minhas motivações quanto à participação nas equipes representativas da Universidade Federal de Santa Catarina .

**Riscos** – Este estudo não trará riscos para minha integridade física ou moral.

**Benefícios** – As informações obtidas com esse estudo podem contribuir significativamente com trabalhos que venham a ser desenvolvidos nesta área, podem ser úteis como ferramenta à Divisão de Apoio ao Esporte Universitário (DAEU) da UFSC para o desenvolvimento de projetos, assim como possibilitarem aos treinadores a identificação do perfil de seus atletas através dos fatores motivacionais, facilitando assim o planejamento de atividades.

**Privacidade** – Não haverá identificação dos participantes no instrumento. As informações presentes nele são: idade, tempo de prática da modalidade e curso que realiza na UFSC. Os resultados do presente estudo poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas científicas. Minha participação é, portanto, voluntária, podendo desistir a qualquer momento do estudo, sem qualquer prejuízo para mim. Pela minha participação no estudo eu não receberei qualquer valor em dinheiro, mas tenho a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de minha responsabilidade. Para maiores informações posso entrar em contato com a acadêmica Bruna Matos Maccari, no e-mail: [brunamaccari@gmail.com](mailto:brunamaccari@gmail.com) ou telefone: **(48) 96028525**.

Florianópolis, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

## ANEXO C – Protocolo de Utilização da EMPE

### ESCALA DE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)

“Participation Motivation Questionnaire  
(PMQ)” D. GILL; J. GROSS & S. HUDDLESTON

Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs  
(2007)

(CEFID/UDESC - Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem  
Motora)

### PROCOLO DE UTILIZAÇÃO

Caro profissional: o instrumento que você tem em mãos foi desenvolvido nos EUA por Diane L. Gill, John B. Gross e Sharon Huddlestone em 1983 sob o título de *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), e vem sendo usado por pesquisadores, técnicos e gestores esportivos no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde a versão adaptada em Portugal por Sidónio Serpa e Jorge Frias (QMAD, 1992) encontrou bastante espaço. Considerando as diferenças culturais e de faixa etária com relação a esses dois instrumentos, desenvolveu-se a presente versão para adultos jovens brasileiros.

### FORMA DE APLICAÇÃO

- Peça ao respondente que assinale o quanto cada um dos 33 itens do instrumento é importante numa escala de 0 a 10;
- Oriente-o a preencher todos os itens sem exceção;
- Quando aplicar em grupo, peça para os participantes evitarem conversar ou observar as marcações do colega para que não haja influência de resultados;
- Ao recolher, verifique se o respondente não esqueceu de assinalar algum item ou marcou duas vezes a mesma questão;
- Procure recolher também os seguintes dados: sexo, idade, modalidade praticada e tempo de prática na modalidade;
- O tempo médio de preenchimento é de 5 minutos.

### CALCULANDO RESULTADOS

A EMPE visa determinar os motivos de prática esportiva de quem a preencher, sendo que esses motivos, apresentados em 33 itens, são agrupados posteriormente nos **7 fatores motivacionais** discriminados a seguir. Para determinar a importância de cada fator motivacional para o respondente, calcule sua média, somando os valores assinalados nas questões a ele pertencentes e

dividindo pelo número de questões. Portanto, se um fator abriga 4 itens, basta somar os valores assinalados em cada um deles e dividir por 4. As médias obtidas podem ser classificadas das seguintes formas: **fator motivacional nada importante** (valores entre 0,0 e 0,99); **pouco importante** (entre 1,0 e 3,99); **importante** (entre 4 e 6,99); **muito importante** (entre 7 e 9,99) e **totalmente importante** (10).

### Fatores/Categorias Motivacionais

Fator 1 (**status**): 3, 13, 15, 21, 23, 27 e 30.

Fator 2 (**condicionamento físico**): 6, 16 e 26

Fator 3 (**energia**): 4, 7, 14, 17, 18 e 31

Fator 4 (**contexto**): 5, 9, 20, 29 e 33

Fator 5 (**técnica**): 1, 10, 25 e 28

Fator 6 (**afiliação**): 2, 8, 12, 19 e 24

Fator 7 (**saúde**): 11, 22 e 32

### CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO

A EMPE foi validada para o Brasil com autorização da autora Diane L. Gill. Para sua tranquilidade, abaixo segue a tabela comparativa de consistência interna do instrumento, superior ao PMQ original em quase todas as categorias.

**Tabela 1** – Índices de consistência interna da EMPE e do PMQ original.

EMPE			PMQ		
Categorias	Nº. de Itens	Consistência*	Categorias	Nº. de Itens	Consistência*
Status	7	0,88	Status	6	0,76
-	-	-	Ativ. Grupo	3	0,78
Cond. Físico	3	0,78	Cond. Físico	3	0,79
Energia	6	0,76	Energia	5	0,69
Contexto	5	0,74	Contexto	3	0,49
Técnica	4	0,78	Técnica	3	0,44
Afiliação	5	0,86	Afiliação	4	0,30
-	-	-	Diversão	3	0,55
Saúde	3	0,86	-	-	-

(\*) Alfa de Cronbach.

Se você tiver alguma dúvida quanto à Escala de Motivos para Prática Esportiva, consulte Barroso (2007) para ter acesso a todo o processo de validação ou entre em contato direto com o autor: mario@m17.com.br .

BARROSO, Mario Luiz C. **Validação do *Participation Motivation Questionnaire* Adaptado para Determinar Motivos de Prática Esportiva de Adultos Jovens Brasileiros**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC.